

VERSÃO HISTÓRICA:

Gondarém, cujo nome deriva de Gunderedo, tem o seu nome espalhado pelo mundo, através da voz de Amália Rodrigues, cujo fado é da autoria de Pedro Homem de Mello, insigne poeta e admirador do folclore e do quarteto da "Gota de Gondarém", divulgada pela rádio e televisão. Considerada "aldeia do Vaticano", pela construção de vários prédios sociais e culturais, actualmente, pertencentes à "Junta Fabriqueira da Igreja", foi por impulso e vontade do Padre Américo, uma das freguesias mais modernas, a nível eclesiástico, em meados do século XX.

Remonta ao período castrejo, o povoamento desta freguesia, num pequena colina, de nome "Castro", situada entre dois cursos de água, que dão origem ao seu maior ribeiro, pejado de moinhos, (cuja origem destes artefactos remontam ao século X). Os seus habitantes irão viver para outros lugares, refugiando-se num local mais altaneiro, como Mangoeiro, dedicando-se à caça, criação de gado, produção de leite, e, outras actividades agrícolas. Esta comunidade primitiva, possivelmente, estaria interligada com o "Castro Santa Tegra", no "Monte Santa Tecla", com um numeroso contingente de habitantes (autêntica metrópole), cujas ruínas são ainda bem visíveis, e, com uma cultura castreja milenar e anterior à era cristã. (Este paralelismo, encontrá-lo-emos, posteriormente). Apesar dos vestígios arqueológicos, até ao século X, as referências bibliográficas são praticamente nulas.

No século II, a ocupação pelos romanos desta região, e pelo percurso de uma via secundária, chamada "per loca marítima", entre Vilar de Mouros e Santa Maria de Lovelhe, (Cerveira), (onde foram encontrados vestígios romanos), certamente que deram origem a qualquer "villa romana", de cujas origens surgem, posteriormente, com o aumento da população, os "casais", com os seus "senhores", detendo autoridade e poder sobre os camponeses e servos que trabalhavam nos campos, pomares, vinhas e moinhos. Posteriormente, o percurso desta via secundária da época dos romanos, aliás, pouco solidificada, dará origem aos famosos "Caminhos de Santiago".

É, em pleno século X, que o nome desta freguesia começa a fixar-se e radicar na palavra – Gondarém –, fazendo jus à chegada de "jarl" Gunderedo, pelo ano de 966, a quem os árabes tratavam por "Rey Gunderedo" (*«navegaron bajo el mando de su rey Gunderedo»*, conforme relata a "Primera Crónica General de Alfonso X, el Sabio, ed. Ramón Menéndez Pidal, Madrid, 1906). Nome de origem hispânica, e, cujo famigerado "castelo" se confunde com "Boega", nome da maior ilha do rio Minho, em frente desta freguesia, segundo relata o famoso geógrafo árabe Al Idrisi, no seu livro (Descripción de España). Aliás, Al Idrisi afirma que existia um "castelo de difícil acesso" A fama de Gunderedo ficou célebre nos seus ataques a Santiago de Compostela, pelos anos de 970, correndo a "ferro e fogo" a Galiza do Norte. Como hábil negociador nunca importunou, quem lhe deu acolhimento.

Antes da fixação deste nome, e, do séc. X, existia S. Pedro de Mangoeiro, com a sua "igreja de madeira", que servia os homens dedicados à caça, e criação de gado. Por isso, em alguns documentos surgem citados, ao mesmo tempo, Gondarém e S. Pedro de Mangoeiro, referentes ao século XIV, sob domínio do Mosteiro de Oia, em que surgem três casais, demarcados para o primeiro, ou seja, com três títulos; e, nenhum para o segundo. Quer dizer que, pouco a pouco, Gondarém ultrapassa Mangoeiro, que se torna num lugar secundário.

Os casais e os seus títulos (3) revelam a existência de senhorios que eram proprietários, responsáveis perante a autoridade fiscal, ou seja, o Mosteiro de Santa Maria de Oia, pelo pagamento de impostos e pelo exercício da autoridade. Calcula-se que a média de cada "casal" rondava os 30 habitantes. Deste modo a população de Gondarém, em pleno século X, não atingia os cem habitantes, de forma que a estadia do "rei dos mares, ou, "jarl" Gunderedo, com a sua exagerada frota de cem barcos, não encontrou qualquer obstáculo para a sua fixação. No entanto, nessa época, Gondarém ultrapassava a população de Cerveira. Além disso, uma antiga e sólida habitação no lugar que permanece como Couto, remete para a figura de algum senhor, detentor de certos privilégios e imunidade, com liberdade administrativa, judicial e financeira. Estes três senhores de Gondarém protegiam os seus camponeses e servos, que lhes deviam obediência, trabalho e impostos; estabelecendo a lei, exercendo a justiça, e, limitando a sua liberdade.

Mas, a "Ecclesia de Mangueiro", segundo o Arquivo Nacional/Torre do Tombo (1258-1259), continua com a sua primazia, contribuindo com uma taxa de 75 libras na dita luta contra os mouros, ainda que esteja dependente do bispado de Tui; e, somente em 1513 retorna ao arcebispado de Braga. (Aliás, o conflito acerca do poder eclesiástico entre a arquidiocese de "Bracara Augusta" e Santiago de Compostela foram constantes e seculares; e, consta-se que Gunderedo nunca desferiu qualquer ataque contra Tui). A descoberta do túmulo de Santiago, por volta do ano 813, reduziu a influência eclesiástica da arquidiocese de Braga, com os seus concílios, e, com a antiga influência dos seus bispos, como São Frutuoso e São Martinho de Dume. De certo modo, Braga abdicou do seu título de dignidade metropolitana face à pressão de Compostela, segundo o «El Crónicon Iriense»).

Portanto, antes da criação da fronteira política no século XII, com o nascimento de Portugal, até ao século XIV, Gondarém prestava ainda tributo e pagava os seus impostos ao Mosteiro de Oia, sob a tutela do bispado de Tui. O Mosteiro de Oia possuía um total de 69 títulos, onde se incluía os nomes de Gondarém e S. Pedro de Mangoeiro, entre Minho e Lima.

Encaixado no antigo Condado de Toronho, e, com o lema "Ora et Labora" dos monges de Santa Maria de Oia, que se dedicavam, tanto à oração, como à agricultura, este Mosteiro detinha um vasto património, cujo "escritório" garantia os seus direitos, aos quais Gondarém e Mangoeiro estavam filiados, segundo relata José Marques em Sep.da Revista de História, em 1958.

Pouco a pouco, com a independência de Portugal, Gondarém encaixa-se em Cerveira, sede municipal, com o seu castelo, que possuía alcaide e tabelião, e, que procurava emancipar-se do mosteiro de Oia, ainda que sob forte influência eclesiástica da Colegiada de Valença, que exercia um domínio senhorial na extensa e rica "Granja da Silva", (com os seus 24 títulos), cujo conjunto de quintas eram exploradas e trabalhadas pelos monges leigos, sujeitos aos seus mosteiros. A implantação de fortificações e castelos contribui para a defesa e independência de Portugal face à Galiza do Norte. (Ainda, que o Condado de Toronho, com o seu Mosteiro de Oia, tenha sido a maior desilusão do primeiro rei de Portugal, onde possuía dois barcos, e, onde se apaixonou pela filha do seu conde).

Entre os séculos XII a XIV, segundo relata o livro "Inventário Colectivo dos Registros Paroquiais", Vol. 2, Norte Arquivos Nacionais /Torre do Tombo: *"Em 1258, com o nome de Mangoeiro, é citada na lista das igrejas, situadas no território de Entre Lima e Minho, que pertenciam ao bispado de Tui"*

No entanto, em 1320, aparece enquadrada no arcediogo de Cerveira, sendo uma das igrejas do bispado de Tui, no território de Entre Lima e Minho. Nesse ano, e como se refere no inventário daquelas igrejas, mandado elaborar por D. Dinis, à igreja de São Pedro de Mangoeiro, foi aplicada uma taxa de 75 libras. Portanto, durante dois séculos, e, com as inquirições do ano de 1258, relativas ao rei Bolonhês, a Freguesia de Gondarém teria a designação de Mangoeiro, contrariamente à importância dada pelos documentos do Mosteiro de Oia.

Somente, em princípios do século XVI, as freguesias de Entre Lima e Minho foram incorporadas na diocese de Braga, por D. Diogo de Sousa que mandou avaliá-las. O seu rendimento foi então calculado em 714 réis e 7 pretos.

No ano de 1546, São Pedro de Mangoeiro, actualmente Gondarém, encontrava-se inserido na Terra de Vila Nova de Cerveira, rendendo 70 mil réis. O Censual de D. Frei Baltasar Limpo, na cópia de 1580, utilizada pelo Padre Avelino J. da Costa, na elaboração do seu livro "A Comarca Eclesiástica de Valença do Minho", refere que, nesta época, São Pedro de Mangoeiro se encontrava *"partido em duas partes, a sem cura hé do arcebispo e a com cura de padroeiros leiguos"*.

A igreja matriz, cuja construção está datada pelos anos de 1559 e 1565, com uma capela-mor de relevo arquitectónico, marca definitivamente a consagração do nome de Gondarém, já que, até 1513, predominava a "Ecclesia Mangueiro.

Acresce ainda, que a edificação da nova igreja, no centro de duas colinas, monte "Castro" e a elevação do "Couto", aponta para o nome definitivo da freguesia de Gondarém, segundo relatos do Padre António Carvalho da Costa, célebre historiador da "Chorographia Portuguesa", que destaca também Gunderedo, na sua origem etimológica.

Segundo afirma o Padre António Carvalho da Costa, na sua "Chorographia Portuguesa", a freguesia de Gondarém era abadia, rendendo a metade curada

"que apresentam os senhores da Casa de Bertandos por a família dos Cerveyras. cujo Morgado possuo aqui Manoel Ferreira d' Eça, senhor da Casa de Cavalleiros, por descendente de filho mais velho. 300 mil réis e a outra metade, simples, data do Ordinário, rende 120 mil réis'. O antigo lugar do Passal, hoje, Igreja atesta que certos terrenos faziam parte deste antigo património, que considerava Gondarém como abadia. Além de abadia, possuía um patrono, ligado à família Bertandos, segundo as "Memórias Paroquiais" do ano de 1758, cujo nome era Damião Pereira, responsável pelo pagamento de tributos eclesiásticos.

No século XVII surgem duas construções que marcam o "património estético" da freguesia de Gondarém. O Solar ou Casa da Loureira, cuja construção inicial remonta ao final do séc. XVI, mas finalizada com a sua imponente fachada, tipo castelo, no século XVII, pertence à família Coutinho. Este solar alberga um certo património artístico, em que se inclui uma capela particular e um belo fontanário. A mansão senhorial da Quinta da Boega, (cujo nome, o famoso geógrafo árabe Al-Idrisi apelidava de "castelo de Gunderedo"), também, remonta ao séc. XVII, cuja utilidade está dedicada ao turismo, mas foi ilustrada pela família Almeida Braga. No seu local, presume-se, que funcionou um antigo albergue de peregrinos, em direcção a Santiago de Compostela. A conjugação da via secundária romana "per loca maritima" com os "Caminhos de Santiago" encontraram aqui um lugar de encontro, conforto e refúgio.

No século XVIII, à imitação do Bom Jesus de Braga, surge a capela/igreja do Calvário. Local de penitência e romaria, as suas festividades atraíam os vizinhos galegos. A sua construção remonta ao ano de 1758, que além da pequena igreja detém um conjunto de pequenas capelas, com uma longa escadaria. Na sua totalidade, o conjunto de capelas públicas e particulares (Quinta e Estalagem da Boega e Quinta da Loureira), além dos cruzeiros e "alminhas" formam um rico património eclesiástico, que engrandece a freguesia de Gondarém. Por outro lado, a sociedade civil constituiu formas de organização social, das quais se destacam as "tabuletas" de distribuição de água e a sua "sociedade de gado". A actividade pesqueira acantonava-se nos lugares da Mota e antigo "Milhão", ou, "Cais". Nos tempos em que a ilha da Boega, ainda pertencia a vários particulares, estava ligada pelo serviço de uma pequena barca de transporte de animais.

No século XIX, aparecem os primeiros indícios de pagamento de impostos, a nível geral da sua população. A freguesia de Gondarém, em termos administrativos, aparece na comarca de Monção em 1839 e, posteriormente, na comarca de Valença, em 1852.

Por decreto de 12 de Julho de 1895, a freguesia foi anexada ao concelho de Caminha, regressando ao de Vila Nova de Cerveira, depois da sua restauração, feita por decreto de 13 de Janeiro de 1898".

A restauração do concelho de Vila Nova de Cerveira reuniu documentação dispersa das comarcas de Valença e Caminha, e, somente em 9 de Abril de 1921, com a inauguração da sua nova sede municipal, surgiram as repartições do Tribunal Judicial, e, as Conservatórias do Registo Civil e Predial, nas quais os "honrados lavradores e pescadores" de Gondarém pagavam a Sisa (Serviços de Impostos de Sua Alteza) e Imposto de Barco. A agricultura e a pesca foram os principais meios de subsistência desta população de Gondarém, durante muitos séculos.

A restauração do concelho, por decreto de 13 de Janeiro de 1898, reuniu documentação dispersa das comarcas de Valença e Caminha. Somente, em 9 de Abril de 1921; com a inauguração da sua nova sede surgiram as repartições do Tribunal Judicial, do Cartório Notarial, e as Conservatórias do Registo Civil e Predial, nas quais os "honrados lavradores e pescadores" de Gondarém pagavam a Sisa (Serviços de Impostos de Sua Alteza) e Imposto de Barco. A agricultura e a pesca foram os principais meios de subsistência desta população de Gondarém, durante muitos séculos.

À antiga figura do regedor e do seu secretário, com o 25 de Abril de 1974, inaugura-se um novo ciclo democrático. A casa da Junta da Freguesia de Gondarém é dirigida por um presidente, secretário e tesoureiro, e por um presidente da assembleia de freguesia.

A evocar a figura e personagem de Gunderedo, símbolo de autonomia e independência, a freguesia de Gondarém, incrustada na periferia da história portuguesa, renova estes ideais, que as suas forças democráticas podem e devem consagrar.

Com um cenário paisagístico que se conjuga com um rico património físico, social, cultural e religioso, em que se destacam as ilhas da Boega e dos Amores, o rio Minho torna-se a face e o espelho de uma Galiza enamorada, que sempre manteve laços históricos e amistosos com Gondarém; e, que somente perspectiva no seu olhar a ponte reluzente com a palavra "Amizade", em Vila Nova de Cerveira, à qual está vinculada.